



10º Simposio de Ensino de Graduação

TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA: UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA PRESENTE NOS CADERNOS DO ESTADO E MATERIAIS DIDÁTICOS

Autor(es)

DAVID RICARDO ALECCI

Orientador(es)

DANIELLE MAXIMO PLENS PINELLI

1. Introdução

A língua é o bem social de maior valor que o ser humano tem. Foi através dela que os povos se organizaram e pequenos povoados se tornaram grandes civilizações. As variações ocorridas com ela podem afetar sua estrutura interna, envolvendo normalmente os aspectos sintáticos, fonológicos e semânticos, bem como sua estrutura externa, as quais podem ser concebidas como históricas geográficas e sociais (Mollica, 2003). Os diversos grupos sociais, pessoas de várias idades, etnias, sexo e religião, têm suas variantes e falam de acordo com a cultura e o fator social que os cercam em cada comunidade linguística. Os mais letrados tendem a usar, pelo menos na escrita formal, outra variante: a norma culta. Oportunizar aos alunos, nas aulas de língua portuguesa, a refletirem sobre isso, se torna relevante à medida que encontramos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), princípios norteadores sobre essas questões, bem como para a atuação do futuro professor de língua materna em sala de aula. A fim de realizarmos tais contribuições, elaboramos uma análise do material oferecido pela rede estadual (Cadernos do Estado) e dos livros didáticos para analisarmos como se constituem as propostas que envolvem as concepções de língua, linguagem e variação linguística e se estas correspondem pontualmente as Políticas Públicas do ensino como os PCNS, por exemplo. Para a elaboração do trabalho em questão, recorreremos às informações presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNS), bem como ao Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). Como pressupostos teóricos, recorreremos às reflexões de Bagno (2001), Fiorin (2010), Lyons (1987), Gnerre (2009), Mussalin e Bentes (2001), Martellota (2010) e Mollica (2003).

2. Objetivos

Verificar como os materiais abordam as questões de variação linguística, através da análise dos cadernos padronizados do Governo do Estado e dos livros didáticos e se as propostas de atividades e exercícios correspondem às orientações das Políticas Públicas.

3. Desenvolvimento

A linguagem foi vista, primeiramente, apenas como expressão de pensamento (de acordo com texto de Arnaud e Lancelot). Ainda assim, Jakobson (IN TERRA, 2008) pensa linguagem como objeto de comunicação, como um código pelo qual se estabelece comunicação. Entretanto, no final do século XX, passou-se a pensar a linguagem como forma de interação. De acordo com Bakhtin (IN TERRA, 2008), a linguagem é mais que isso, é a forma pela qual os indivíduos agem sobre os outros, então, é através da linguagem que se dá a interação em sociedade. Alkmim (2001), afirma que língua e sociedade são indissociáveis, uma não pode se constituir sem a outra. Para tanto, foi desenvolvida uma ciência, a Sociolinguística, a qual propõe o estudo das variações linguísticas em determinados contextos sociais. A Sociolinguística que teve como uns dos precursores William Labov (1960), tem como objeto de estudo as multiformas da linguagem (na fala e na escrita) dentro de uma sociedade ou uma região, analisando assim, o falante, o

interlocutor e os fatores externos que a influenciam. Alkmim (2001) aponta que as variedades linguísticas são as formas como linguagem se manifesta em determinados contextos, de acordo com fatores externos, ou ainda ao longo do tempo, que as classificam como:

? Variação histórica: refere-se as mudanças que a língua teve ao longo da sua história; exemplo disto é a expressão “vossa mercê”, que passou para “vosmecê”, até chegar ao vocábulo “você” do século XX e está variando para a abreviação “vc”, mais recorrente na linguagem da internet;

? Variação diatópica: esta variação se dá de acordo com o espaço físico, a partir do estudo de falantes de diferentes origens geográficas; esta variação abrange tanto a escolha do léxico e a variação do vocabulário quanto à parte fonética e fonológica;

? Variação diastrática: trata-se da variação social, mudanças que ocorrem a partir da idade, do sexo, da classe social ou do contexto no qual estão inseridos os falantes;

? Norma culta: Vale lembrar que Faraco (2008) define a norma culta como a variação da elite, das pessoas mais prestígio social e que a norma culta aparece quando o falante percebe que é preciso ter uma preocupação maior com a linguagem, adequando-a a contextos mais formais.

A partir destes conceitos, e do que se recomenda nos PCN's, desenvolver-se-á a análise do material didático. Foram escolhidos diversos cadernos do Governo do Estado para análise e discussão da proposta de variação e dos exercícios contidos nestes materiais.

4. Resultado e Discussão

A análise desenvolveu-se a partir das concepções de língua, linguagem e variação linguística expostos nos pressupostos teóricos. Devem-se tomar como base os cadernos do Estado de São Paulo, mais precisamente o caderno do 1º ano do Ensino Médio, no primeiro bimestre.

Imagem 1 e 2 - em anexo

Este caderno se divide em lições, de acordo com as áreas de linguagens, produção de texto e literatura. Nota-se na primeira lição, uma introdução ao conceito de linguagem de uma forma “superficial”, apenas com uma definição vinda de dois dicionários; os autores poderiam buscar um conteúdo teórico dos linguistas especializados na área para corroborar com autoridade os fundamentos apresentados. Como se sabe, o Governo Federal e o Governo do Estado de São Paulo utilizam, desde o fim da década de 1990, diretrizes curriculares que foram estudadas, planejadas e desenvolvidas por profissionais da área da Língua: são os PCNs – Parâmetros curriculares Nacionais. Estas diretrizes servem para orientar o professor de Língua Portuguesa, instruindo-o na condução do ensino das diversas áreas da língua. Deve-se ater neste trabalho ao ensino de variação linguística; os PCNs (1998, p.31) recomendam que seja reconhecida pelo professor a variante do aluno e que lhe seja ensinado as demais variantes da língua, dentre elas a variante culta (ou norma culta), extinguindo-se assim, o preconceito. Para uma melhor aprendizagem, os PCNs (1998, p.35) indicam o modo como se deve conduzir o ensino: a partir do uso (contato com o tema sem conhecê-lo previamente -> reflexão sobre o tema -> e uso novamente, após conhecer a parte teórica). Sendo assim, os materiais deveriam dispor de um melhor conteúdo teórico, principalmente em relação à variação linguística. O que se vê é um discurso muito agradável sobre mudanças na didática e no conteúdo aplicado em sala de aula; entretanto o que se nota nos cadernos do estado são conteúdos “fracos” e exercícios que não desenvolvem no aluno diferentes formas de pensar, muito menos o domínio sobre as diferentes formas de linguagem. Observou-se como os materiais do estado abordam as questões sobre a variação linguística; é notória a falta de conteúdo e de exercícios condizentes com as propostas curriculares e com os avanços dos estudos da Sociolinguística. O caderno apresenta o tema da segunda proposta de aula, que é Lusofonia – a proposta é que o aluno reconheça a língua como realidade social e que conheça as variações da língua em vários contextos sociais. Porém, o que se nota são conceitos “rasos” e sem qualquer objetivo de levar o aluno à reflexão e a única variante ensinada é a geográfica (a língua varia de acordo com a região do falante.). Quem o produziu não se preocupou com a definição de língua e linguagem, nem com a explicação do que vem a ser a sociolinguística. Nota-se também que o conteúdo teórico é “mal formulado”, misturando as temáticas, sem uma definição exata do tema que será abordado em aula, deixando aluno e professor confusos. As propostas de exercícios são ainda mais “confusas”, uma vez que são “mecânicas” e incapazes de criar situações em que os alunos tenham que pensar para resolvê-las. Deve-se ressaltar que, durante a análise nos cadernos do estado não foi encontrado, em nenhum outro bimestre do 1º, do 2º ou do 3º ano do ensino médio (foco da análise), quaisquer aulas referentes à variação linguística; logo foi utilizado apenas o material do primeiro bimestre do 1º ano. Ao contrapormos os conceitos teóricos e os exercícios dos cadernos do estado com livros didáticos que o Governo adquire para auxiliar as aulas, percebe-se um “abismo de qualidade”. Pode-se observar quão excelente é a apresentação da variação linguística e o bom nível dos exercícios, no livro “Português: Linguagens”, 2009, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, para o primeiro ano do Ensino Médio:

Logo no início, os autores fazem uso da instrução dos PCN (1998, p.35):

Uso ----> reflexão -----> uso.

Imagem 3 - em anexo

Sem aplicar as definições, Cereja e Magalhães levam o aluno a conhecer a prática. Então, posteriormente, os autores conceituam linguagem, língua e variação (é a parte da reflexão). Os conceitos apresentados nesse livro didáticos são excelentes e vão além do esperado. Os conceitos de linguagem e língua são retomados de Saussure (chegando a citar o linguista em uma nota); vê-se a definição de signo linguístico e um texto sobre o caráter social da língua, conceitos avançados e que, se bem trabalhados, podem ser de grande valor para o aluno. Entretanto, o que mais chama a atenção é o cuidado com que os autores trabalharam a variação: são apresentados de forma clara e concisa todos os tipos de variação, com exemplos reais, que aproximam o aluno da realidade em que vive, incluindo gírias e jargões. Também lhe é apresentada a variante padrão e a norma culta, para que ele comece a utilizá-la em sala de aula. Cereja e Magalhães trabalham com os conceitos de língua, linguagem, variação e grau de formalidade. A questão 1-a faz com que o aluno reflita sobre quais palavras e expressões caracterizam a variedade apresentada no excerto; na questão 1-b, leva o aluno à comparação da linguagem do século dezanove com a que ele vive, no século vinte e um. Mais do que cobrar definições e conceitos decorados, os exercícios fazem o aluno pensar, refletir e por fim, além de escrever seu próprio texto, apresentá-lo à sala. A partir desta reflexão e da resolução de exercícios, o aluno estará mais preparado para respeitar sua própria variação e a variação dos colegas de sala, eliminando assim todo preconceito linguístico. Por tudo que foi apresentado, pode-se notar como falta muito para que o material do estado de São Paulo seja do mesmo nível do material didático que o próprio governo compra, mas pouco usa, a fim de sustentar seu ego com o uso desses cadernos que apresentam pouco conteúdo e exercícios mal formulados.

5. Considerações Finais

A partir desta análise, verificou-se que o Caderno do Estado está muito “aquém” do esperado. A parte teórica, bem como as propostas das atividades que se referem às concepções de língua, linguagem e variação linguística são superficiais e até inadequadas se comparadas às propostas das Políticas Públicas. Nota-se uma incoerência entre o que é requerido e o que é proposto. Os exercícios são poucos e mal formulados; as propostas são mecânicas, meramente estruturais. Os livros didáticos, por sua vez, dispõem de conteúdos teóricos mais organizados, com conceitos claros e consistentes, contendo, muitas vezes, exercícios mais eficientes e que, mesmo com “alguns deslizos”, correspondem de maneira mais precisa aos apontamentos dos PCNS. Mesmo assim, cabe aos professores se orientarem a respeito das Políticas Públicas de Ensino aliando-as as teorias da Sociolinguística, para propor o ensino da variação linguística, em sala de aula, de modo mais eficaz.

Referências Bibliográficas

BAGNO, M. Norma linguística. São Paulo: Loyola, 2001.

_____.Preconceito linguístico. São Paulo: Loyola, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.

FIORIN, J. L.(org.) Introdução à Linguística. I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2010.

GNERRE, M. Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LYONS, J. Linguagem e Linguística. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MARTELOTTA, M. E. (org.) Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2010.

MOLLICA, M. C.; Braga, m. l (orgs.) Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MUSSALIN, F.; BENTES, A.(orgs.) Introdução à Linguística. Domínios e Fronteiras. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2005.

ORLANDI, E. O que é Linguística. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ROJO, R. e BATISTA, A.A.G. Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

WEEDWOOD, B. História concisa da Linguística. São Paulo: Parábola, 2003.

Documentos Oficiais:

BRASIL/SEMTEC. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília, DF: MEC/SEMTEC, 1999.

BRASIL/SEMTEC. PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, DF: MEC/SEMTEC, 2002.

BRASIL/SEB/MEB/SEB. Orientações Curriculares para o Ensino Médio Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília, DF: SEB/MEB, 2008.

Anexos

Olhe com atenção!

Na discussão oral, leve em conta a tomada de turno. Peça e valorize que os alunos levantem a mão, esperando a sua vez de falar. Ao mesmo tempo, incentive que o maior número possível de alunos participem.

A Língua Portuguesa é falada por cerca de 230 milhões de pessoas ao redor de todo o mundo. A formação do Império Colonial Português levou, por motivos econômicos e políticos, a espalhar a Língua Portuguesa pelo mundo. Do contato com os povos encontrados resultou um forte intercâmbio de produtos, costumes, técnicas, conhecimentos culturais, religiosos e lingüísticos. Embora tenha prevalecido a língua dominante, muitas palavras dos outros povos entraram no sistema lingüístico do Português, tais como manga, moleque, capivara, chá etc.

A Língua Portuguesa sai de Portugal e ganha raízes em outras partes do mundo sofrendo, naturalmente, mudanças. Essas mudanças que ocorrem no Português falado no mundo chamam-se de **variações geográficas ou diatópicas**.

Esta é uma ocasião importante para trabalharmos os títulos nos textos jornalísticos.

3. Forneça a seus alunos uma notícia de jornal, com um tema atual, sem o título e peça-lhes para o criarem. O professor pode reunir os alunos em duplas e fornecer diferentes notícias para a classe que, inclusive, poderão circular entre os alunos. Isso permitirá que o exercício se repita diversas vezes, favorecendo a retenção dos conteúdos.

Olhe com atenção!

Este exercício desenvolve também a coerência textual e a capacidade do aluno de localizar a idéia-chave da notícia, que deve aparecer no título. É importante focar esses aspectos no processo de desenvolvimento da atividade.

O que deve ter um título de notícia de jornal?

- Presença de verbos, de preferência na voz ativa.
- Uso do presente, a não ser que se refira a fatos distantes no passado ou no futuro.
- Uso de siglas com comedimento.
- Presença de uma idéia-chave que sintetize a notícia.

Professor, examine com seus alunos o **VERBO**, em especial, no que se refere à voz **ativa** e aos tempos verbais. Use uma boa gramática ou o seu livro didático.

4. Ao final, peça que seus alunos, em duplas ou trios, adaptem a notícia para o Português do Brasil.

Correção de atividade (sugestão)**Lotação capota e fere 12 pessoas**

Pelo menos doze pessoas ficaram feridas, duas das quais com alguma gravidade, quando uma viatura de transporte de passageiros, conhecida como "lotação", da rota Patrice Lumumba/Museu, saiu da pista e capotou em seguida, na manhã de ontem, na Avenida de Moçambique, em frente ao Cemitério de Lhanguene, na cidade de Maputo.

Maputo, Sábado, 20 de Outubro de 2007: Notícias

O fato ocorreu minutos antes das nove horas quando a van, de marca Toyota Hiace, chapa MMB 85-45, que circulava em direção ao Museu, subiu os separadores montados naquela estrada e perdeu a direção, capotando em seguida.

Testemunhas que se encontravam no local, na hora da ocorrência, disseram que o acidente resultou do excesso de velocidade com que a viatura circulava, porque o motorista começou a perder o controle do veículo um pouco depois de passar a ponte para travessia de pedestres naquela rodovia.

2. Debata em classe as semelhanças e diferenças encontradas entre o poema de Drummond e a letra da música "Palavras ao vento".
3. Peça a seus alunos para expressarem o poema em forma de imagem, em papel A4, que pode ser construída com lápis, tintas ou recortes. Avise-os que o professor escolherá alguns trabalhos para expor no mural da classe. Os critérios utilizados para a escolha serão:
 - criatividade;
 - distribuição da figura na folha de papel;
 - fidelidade ao poema;
 - organização e limpeza na elaboração do trabalho.

Olhe com atenção!

Esta atividade construirá uma intertextualidade temática entre o poema e a imagem elaborada. Essa relação deve ser o foco no processo de desenvolvimento da atividade.

4. Agora, é um bom momento para debater, oralmente, com seus alunos, a função dos murais dentro da escola:
 - Onde ficam os murais direcionados aos alunos?
E aqueles direcionados aos professores e funcionários da escola?
 - Para que servem, quais são as suas especificidades?
Qual é a importância de seu uso dentro da escola?
5. Apresente agora algumas considerações sobre outras palavras ligadas à palavra e que ampliam o seu significado:

Interação: "atividade ou trabalho compartilhado, em que existem trocas e influências recíprocas / comunicação entre pessoas que convivem; diálogo, trato, contato / (...) conjunto das ações e relações entre os membros de um grupo ou entre grupos de uma comunidade."

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (edição eletrônica). Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.

Língua: "sistema de signos convencionais que pretende representar a realidade e que é usado na comunicação humana."

JAPIASSÚ, H. e MARCONDES, D.
Dicionário Básico de Filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Linguagem: "seqüência de signos organizados de acordo com um código e veiculados de um emissor para um receptor, através de um canal que serve de suporte físico à transmissão."

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (edição eletrônica). Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.

Textualidade: faz de um texto mais do que um monte de frases soltas, ou seja, um todo com significado para o leitor.

Signo: "designação comum a qualquer objeto, forma ou fenômeno que remete para algo diferente de si mesmo e que é usado no lugar deste numa série de situações (a balança, significando a justiça; a cruz, simbolizando o cristianismo; a suástica, simbolizando o nazismo; uma faixa oblíqua, significando proibido [sinal de trânsito]; um conjunto de sons [palavras] designando coisas do mundo físico ou psíquico etc.)"

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (edição eletrônica). Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.

como nós. Isso ocorre por diferentes razões: porque a pessoa vem de outra região; por ser mais velha ou mais jovem; por possuir maior ou maior grau de escolaridade; por pertencer a grupo ou classe social diferente. Essas diferenças no uso da língua constituem as variedades lingüísticas.

Variedades lingüísticas são as variações que uma língua apresenta, de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que é utilizada.

Entre as variedades da língua, existe uma que tem maior prestígio: a **variedade padrão**. Também conhecida como **língua padrão** e **norma culta**, essa variedade é utilizada na maior parte dos livros, jornais e revistas, em alguns programas de televisão, nos livros científicos e didáticos, e é ensinada na escola. As demais variedades lingüísticas — como a regional, a gíria, o jargão de grupos ou profissões (a linguagem dos policiais, dos jogadores de futebol, dos metalheiros, dos surfistas, etc.) — são chamadas genericamente de **variedades não padrão**.

Variedade padrão, língua padrão ou norma culta é a variedade lingüística de maior prestígio social. **Variedades não padrão ou língua não padrão** são todas as variedades lingüísticas diferentes da padrão.

Apesar de haver muitos preconceitos sociais em relação a variedades não padrão, todas elas são válidas e têm valor nos grupos ou nas comunidades em que são usadas. Contudo, em situações sociais que exigem maior formalidade — por exemplo, uma entrevista para obter emprego, um requerimento, uma carta dirigida a um jornal ou uma revista, uma exposição pública, uma redação num concurso público —, a variedade lingüística exigida quase sempre é a padrão. Por isso é importante dominá-la bem.

Dialetos e registros

Há dois tipos básicos de variação lingüística: os dialetos e os registros. Os **dialetos** são variedades originadas das diferenças de região ou território, de idade, de sexo, de classes ou grupos sociais e da própria evolução histórica da língua. Nos poemas medievais, que você irá estudar a partir da página 86, temos exemplos de variação histórica. Já no texto ao lado, escrito pelo poeta Xanana Gusmão, do Timor Leste (Cesaila), temos um exemplo de variação territorial, já que o poema, apesar de escrito em língua portuguesa, apresenta também vocábulos do tétum, língua nativa.



Poema

Fixaste um dia a terra descaída
de "busa" e do "malus",
partiste um dia à sombra da casa a tua
escurando o "tuaka"
e recordaste no teu dono
cobrindo com a dureza do teu "lukluk"
e tempo dos antepassados.

Miraste o seu suor tórido
lavando as faces do seu rosto aje:
ouviste airta o seu "hamulak"
entoando em "tois" do seu "luk"
e respetassem o "manukem"

1. 1

(Sistema do Centro de Estudos Portugueses,
São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 1,
p. 43-4, 1996. Colaboração de Nery Elias
Bacalcaus Botelho.)